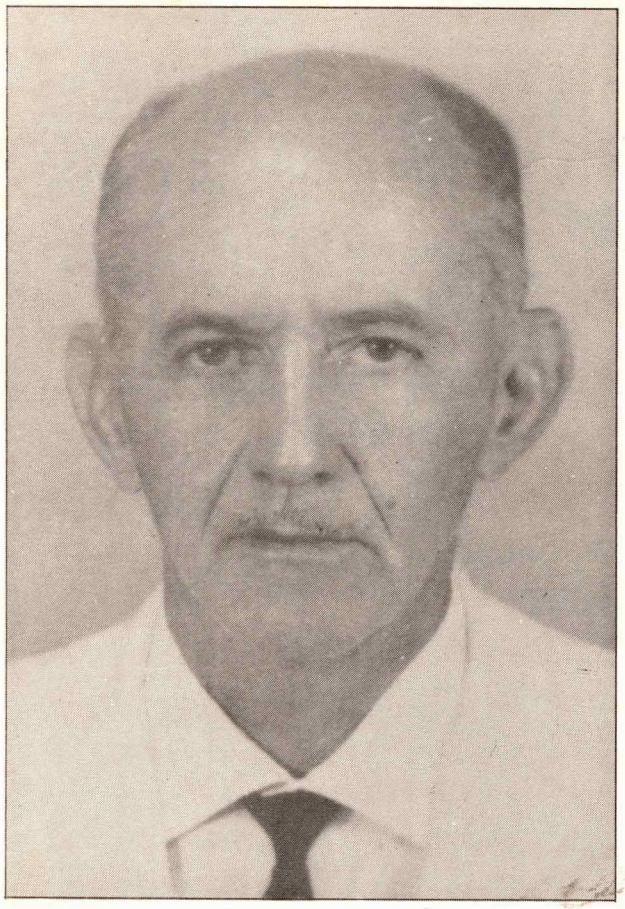
Carlos Augusto

Dharcília de Araújo Lima Caldas da Silva

78c
1 / Ex.01 F000234



FARN

Carlos Augusto

Dharcília de Araújo Lima Caldas da Silva

FARN

Carlos Augusto

Natal
Editora Universitária
1981

Reitor: Prof. Diógenes da Cunha Lima
Pró-Reitor de Extensão: Prof. Pedro Simões Neto
Diretor da Editora: Airton de Castro
Coordenação Geral de Editoração: Socorro Trindad
Revisão: Profª. Zélia Lustosa
Coordenação Gráfica: Francisco Canindé da Silva
João Batista de Araújo

1 9 8 1
Printed in Brazil
Impresso no Brasil

Silva, Dharcília de Araújo Lima Caldas da
Carlos Augusto. Natal, UFRN, Ed. Universitária, 1981.

52 p.

1. Carlos Augusto — Biografia

I. Título.
RN - UF/BC 81/49 CDU 34:92

A' querida amiga Alindina, seu marido
e filhos, com a estima de

Marília

20-4-82

Para Albertina Maria, Maria Auxiliadora
e Carlos Augusto

— filhos queridos —

com a minha ternura de mãe

FARN

"Essa palavra saudade,
Aquele que a inventou,
A primeira vez que a disse,
Com certeza que chorou".

Um gesto de amor

Veríssimo de Mélo

Eis aqui um caderno de doces e singelas recordações. De imorredouras lembranças. De pungentes saudades.

D. Dharcília, — sem maiores preocupações de rigores estilísticos, — foi anotando passagens, evocações e momentos de sua vida em comum com seu pranteado esposo desembargador Carlos Augusto Caldas da Silva. Instantes de uma vida simples em torno da família, dos filhos e netos, na qual Carlos Augusto pontificava pelas suas virtudes de pai, avô e amigo.

Em traços rápidos, D. Dharcília vai esboçando aspectos da personalidade de Carlos Augusto. Do magistrado. Do

pai-de-família. Do homem bom, que soube distribuir justiça e otimismo na cidade. Narra também momentos de dificuldades, doenças e temores do casal com o futuro. Dos sofrimentos dos últimos dias da existência do marido e de sua dor profunda com a separação inapelável e definitiva.

Quem conheceu Carlos Augusto Caldas da Silva sabe que ele foi um dos espíritos mais vivos, alegres e cordiais desta cidade. Magistrado íntegro, lúcido, experimentado no trato da aplicação da lei, deixou no nosso Tribunal de Justiça marcas indeléveis de sua passagem. Honrou a toga e distribuiu correta justiça, cumprindo seu nobre dever. Como cidadão, era irrequieto, extrovertido, sempre interessante pela sua "verve" e comentários bem-humorados.

Mais de uma vez, ouvimos ele contar como assumira o Governo do Estado, por algumas horas. Como presidente do Tribunal, recebera o Governo do Governador que terminara seu mandato. E como o novo Governador demorara algumas horas para ser empossado, — contava aos íntimos, — deixara o Governo entregue ao contínuo de Palácio... Só duas horas depois é que passara o governo ao seu legítimo sucessor. Contava isso muito sério, — na roda dos amigos, depois sorria, baixava a cabeça e saía apressadamente, como se nada tivesse dito...

D. Dharcília, com seu caderno de evocações, deixa escrita uma página de saudade, que sempre será lembrada no seio de sua família e dos amigos. É um gesto de amor à memória de Carlos Augusto, – grande homem pelo saber jurídico e pela bondade de um coração extremamente puro e fraterno.

FARN.

Carlos Augusto

Conheci aquele que haveria, anos mais tarde, de ser o meu marido, nos idos de 1926, em uma audição beneficente do maestro Waldemar de Almeida, recém-chegado da Alemanha, no Theatro Carlos Gomes, como se chamava àquele tempo, à nossa principal casa de diversões.

Uma vela que se acendesse ao vento, não teria tido maior rapidez do que a atração que a sua figura esbelta e elegante por natureza me inspirou.

Todas as criaturas, mesmo depois de adultas, têm dentro de si mesmas um pouco de criança, um pouco de adolescente e é natural que por isso eu me atreva a dizer que o mar com todas as suas águas, seus peixes e riquezas escondidas; as flores, determinadas mulheres, que para dizer a verdade

são tão bonitas quanto as próprias flores; o céu com todas as suas estrelas; a suavidade de todos os luares; o verde-escuro das florestas sem fim e para com maior unção exaltar a obra do Criador: "as aves do céu", "os lírios do campo"; o sono e o riso de todas as crianças do mundo não têm motivação, juntos, em proporção, à maneira com a qual eu o amei: apaixonadamente. Os velhos também têm o direito de sonhar, de divagar...

Anos depois veio a quadra lírica do nosso namoro e do nosso noivado, havendo sempre desde esse tempo muita compreensão entre nós dois.

Começou o nosso primeiro namoro, em 1927, na casa de D. Elisa e do desembargador João Dionysio Filgueira, compadres e grandes amigos dos meus pais, aos quais rendo a minha homenagem.

Passando Carlos certa vez pela Junqueira Ayres, onde eles moravam e onde também me hospedava, descobriu-me numa das janelas da casa, e desde então nunca mais deixou de lá passar todas as noites. Voltou ao Rio logo depois, dando eu o "romance" por terminado.

Vinha sempre passar férias e carnaval aqui em Natal, quando nos encontrávamos também em festas no "Natal-Club". Em fins de 1930, veio definitivamente para Natal. Noivamos em junho de 1931 e casamos em julho de 1932.

Quando não me chamava de "minha mulher", pronunciava o meu nome numa cadência que era só sua e que às vezes escuto como um eco vindo do infinito... E o que mais enternece no episódio é que a **chama acesa** em instante mínimo, nunca nem ao menos bruxuleou, provida, abastecida pelo nosso relacionamento, depois, como marido e mulher, dependente sempre, como manifestação perfeita, a um objetivo maior, ou seja, a lei do "crescei e multiplicai-vos", imposta por Deus, desde o começo do mundo.

Aconteceu, sempre na ocasião do nascimento dos nossos filhos, qualquer coisa de divino, de sobrenatural, entre nós dois, e que chegando lúcida, ao final dos meus dias, tenho plena certeza que não esquecerei, pela profundidade com a qual fico gravada no meu coração, essa passagem de ternura em minha vida. O carinho que tinha pelos filhos dividia com os genros e a nora, continuadores da família por nós iniciada.

Depois vieram os netos, de cuja convivência ainda viveu com intensidade e até em potencial, como querendo se

adiantar no tempo. Como avô, dizia-se "pai com açúcar", pois de sua **careca,** que considerava **sagrada,** eles, os netos, faziam **pandeiro,** com o seu consentimento.

Nasceu ele na rua D. Mariana, em Botafogo, na "mui" heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, dia 7 de junho de 1903. Nascido em Botafogo, considerava-se **"carioca da gema".** Batizou-se na Igreja de São João Batista da Lagoa, no mesmo bairro, com o nome de Carlos Augusto — que quer dizer divino — e que não sei se possa haver outro mais belo e mais sonoro, em homenagem à memória de um tio, como o pai, oficial do Exército, e que morreu de uma febre contraída por ele na Guerra de Canudos. Não teve Carlos, portanto, o complexo d'O Menino do Dedo Verde com relação à escolha do seu nome e dos seus padrinhos.

Natal era uma das grandes paixões de sua vida e nunca, durante os vinte e sete anos que morou no Rio, passou por uma Igreja que não tirasse o chapéu e pedisse a Deus para vir morar e morrer na terra dos pais e avós. E acrescentava: "numa casa de onde eu veja o rio e o mar". Não teve condição de realizar por inteiro o seu desejo, dando-nos em conpensação uma casa aconchegante, cheia de calor humano, já que foi construída com seu próprio esforço. A

área verde, ao lado, faz o encanto de nossos netos, enfim, de todos nós.

Estudou as primeiras letras em Escola Pública, no Rio de Janeiro, sendo a sua primeira professora, a senhora mãe do Marechal Henrique Teixeira Lott, ex-candidato à Presidência da República.

Fez o primário e o ginásio no Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói, onde os pais moravam na praia de Boa Viagem. Considerava esse o tempo mais feliz da sua vida, pois despreocupado, como criança e adolescente do que mais tarde o iria traumatizar enormemente, pescava, nadava, remava, enfim, fazia tudo quanto se faz naquela idade com a alegria de viver que é própria dela.

Para que pudesse estudar no "Santa Rosa" sem nada pagar, pois os pais tinham sete filhos e ainda ajudavam, aqui em Natal, pessoas da família menos favorecidas, a sua educação, os seus estudos eram financiados a troco do seu pai – professor de matemática na Escola Militar – ensinar essa matéria no Colégio e ainda dar instrução ao "Tiro de Guerra", do estabelecimento de ensino, onde o filho estudava com grande aproveitamento.

Com ele aprendi muita lição de vida, e uma em particular: a maneira sutil com a qual me ensinou a ser pobre. Ele e os filhos que me deu me bastavam... O resto, caso o merecesse, **Deus, um dia, me daria por acréscimo,** como diz o Evangelho, já que tivera aqui na terra o bem-querer indizível daquele a quem imensamente eu amei. E sei que por tudo isso, Deus um dia, me dará na certa.

Nunca houve rotina no dia-a-dia da nossa vida a dois. O seu senso de humor, a sua vivacidade, tudo renovava a cada instante. Se eu fosse escrever sobre este ângulo de sua personalidade, não acabaria nunca mais. Vivo, inteligente, versátil, irreverente mais das vezes, raciocínio rapidíssimo, presença de espírito ainda maior, a sua presença era sempre agradável em todo e qualquer ambiente. Em 1964, teve um edema pulmonar e foi levado às pressas depois da meia-noite para o Pronto-Socorro, pelo Dr. Paulo Bittencourt, que foi encontrado com dificuldade por ser "fim de semana". Ao chegar lá, com uma tosse verdadeiramente impertinente, imensa falta de ar com aquele **"piado"** que a asma também dá, vendo a enfermeira se aproximar, ela que não era nada bonita, com a seringa na mão, com os cabelos assanhados e os óculos na ponta do nariz, cochichou para o seu médico: "Paulo, será essa a última visão de mulher que eu vou ter na minha vida"?...

Deixou grandes e leais amigos, aos quais devo favores que não se pagam, como também o conforto moral dos mesmos recebidos na hora mais escura de minha vida. Certas coisas escritas, tanto se tem abusado da facilidade de escrever, chegam a parecer exageradas, soando até como falsificação. Não é este, entretanto, o meu caso. A gratidão me identifica como criatura humana e, sobretudo, cristã. **E os seus amigos que me lerem e aos quais sou devedora, se identificarão como credores da dívida que nunca lhes acabarei de pagar.** E particularmente me refiro ao desembargador João Maria Furtado, Dr. Lauro Pinto, Ney Marinho, Raimundo Cavalcanti, Armando Fagundes, Humberto Grillo e Antônio Rodrigues.

Dava tudo de seu carinho às pessoas mais idosas e mais pobres da família, como a todos em geral, nessas mesmas faixas, mesmo que não fossem parentes. Aos humildes ele tratava de igual para igual. Quando algum deles lhe pedia dinheiro emprestado, ele preferia dar. Sonhava com um sistema de governo, onde todos tivessem certo, à mesa, o pão de cada dia, abrangendo tudo quanto diz respeito à dignidade da pessoa humana. Abominava o esbanjamento de alguns, em detrimento de uma maioria. Era essa a sua formação humanista, sociológica e cristã. Era contrário a toda e qualquer discriminação.

As pessoas que já moravam conosco, desde que desapareceu e que ainda hoje me fazem companhia — há quase 12 anos ele se foi — não as via como criaturas que nos serviam apenas, mas acima de tudo, como nós todos, feitos à imagem e semelhança de Deus. Para comprovar o que digo, tenho ainda hoje aqui em casa uma pessoa que dançava no conjunto folclórico "Araruna", com sede nas Rocas. Uns dez dias antes dele morrer, ela foi convocada pelo Prefeito para uma apresentação turística, e, na hora de sair, chovia **que Deus dava.** Aflita ela apareceu, vestida a **caráter,** pensando que ele não a visse, pois tinha visita na sala. Ele, no entanto, deixando-a por alguns instantes, tomou o telefone, chamou um táxi, deu-lhe dinheiro para a ida e para a volta e sem que eu visse, abriu o guarda-chuva e foi levá-la no portão, ele que mal já podia pôr-se em pé. Considero um exemplo admirável de humildade e amor ao próximo o que acabo de narrar. E isso, quando a morte já o rondava a passos largos e com grande sofrimento de sua parte. E maior, ainda, da minha.

Nunca o vi discutir com quem quer que fosse, menos porque não tivesse condições físicas, poder de argumentação, como também porque pouco se lhe importava que alguém tivesse essa ou aquela opinião a respeito de qualquer assunto. Nem para se defender, ele discutia. Só a mim ele

FARN

contestava, no sentido de ser excessivamente possessivo com relação a minha pessoa, o que em lugar de me aborrecer, me envaidecia. E dizia-lhe eu que me responsabilizava até pela "guerra do Vietnã". O que ele recebia com o sorriso irônico que lhe era peculiar.

Era de uma sensibilidade fora do comum, em todo e qualquer setor da vida humana. Adorava canto de pássaros e às cinco horas da manhã, já estava acordado para ouvi-los cantar. A mais emocionante alvorada foi feita pelos seus dois galos-de-campina, aos quais chamava de filhos, na madrugada do dia em que ele inerte estava no caixão na sala de visita e que por esquecimento, devido ao que havia acontecido, um deles — o **rei,** como o chamava — não havia sido guardado, como se fazia todas as noites. A parte da casa onde ficava, geralmente, era vizinha à sala do **velório.** Não sei dizer da beleza que foi o canto com o qual fizeram a última alvorada ao amigo morto. Um cantava e o outro, imediatamente, respondia... Havia o meu marido, desaparecido às quatro horas da tarde do dia anterior. Um dos galos-de-campina ainda vive e cantando da mesma maneira, às vezes, até às nove horas da noite. A conversa que tinha sempre com o seu estimado amigo Temístocles Duarte, como ele, apreciador de canto de pássaros, era invariavelmente sobre esse tema.

Os seus ídolos no plano espiritual eram Cristo, Maria e São João Bosco, fundador da Congregação Salesiana e que já àquele tempo muito deu de si em benefício da criança e do adolescente menos favorecidos. Era tal o seu **carisma** que foi, inclusive, profeta da fundação de Brasília. No plano material — mais especificamente — era Abraão Lincoln o seu ídolo favorito. Admirava a pureza da democracia que pregara em seu país e que foi por muito tempo considerada padrão, em todo mundo, cedendo lugar hoje, à Suíça e à Alemanha Ocidental.

Era contra a pena de morte, se bem que, quando crimes bárbaros eram cometidos, ele chegava até a admiti-la. Passadas, porém, as 72 (setenta e duas) horas que dizia tudo superar, ele já não seria capaz, mesmo, de ter pensado em aplicá-la...

Era igualmente contra a instituição do júri, que considerava obsoleta e cheia de falhas. Num desabafo dizia: "Justiça só de Deus".

Era em parte — por comiseração — a favor da eutanásia, respeitando, no entanto, a lei básica da Igreja, ou seja, a de que somente a Deus pertence o direito de tirar a vida de alguém. Nunca o ouvi falar que tivesse tido uma sentença

reformada, tal a consciência com a qual sempre agia. Possuía o chamado **olho clínico,** como dizia Nehemias Gueiros, o nosso pranteado contra-parente. Não entregava, desde o tempo de promotor da capital, denúncia ou libelo, que antes não me desse para ler; o mesmo fazendo como juiz, como desembargador, com relação a sentenças e demais peças de processo que escrevesse.

Quanto ao divórcio, não se manifestava, pois dizia dele não precisar. Relativamente ao aborto, era contrário à sua formação cristã. Não deixava de ser para ele, Professor de Direito Penal, um "Infanticídio em potencial". É minha essa definição.

Começou a trabalhar aos 16 anos na Casa da Moeda, onde o seu padrinho era Diretor, arranjando-lhe, então, um emprego.

Quando casei, ainda encontrei em seus **guardados,** uma caderneta, onde tudo anotava, pois desde cedo aprendeu a ser organizado.

No início da mesma, assim anotara:

1.º) Dinheiro que ganhei na Casa da Moeda — 150$000
2.º) Mandei para a minha avó em Natal — 50$000

3.º) Dei à minha mãe para despesas de casa — 50$000
4.º) Fiquei para despesa de bonde e lanche — 50$000

Comove-me até as lágrimas essa passagem de sua adolescência, de estudante pobre, responsável, e que tem para mim sentido de uma grandeza infinita.

D. Albertina, minha sogra, verdadeira encarnação da "mulher forte", da Bíblia, cozinhava, lavava, engomava, assim não tivesse quem a ajudasse, contanto que nada faltasse ao marido e aos filhos que eram sete. Dela recebi o carinho, a felicidade de ser tratada como filha a quem muito confiou. Falava-me sempre de terrenos imensos que possuíam aqui no Tirol — Solidão — que eram tão grandes que o meu sogro, quando acontecia vir comandar o 40 BC, os percorria sempre a cavalo, quando chegava do Quartel. Outro de igual tamanho possuíam no Barro Vermelho onde passava um rio. Ambos tinham casa e era onde moravam quando passavam temporadas aqui em Natal.

Quando em 1920 Carlos, com 17 anos apenas, foi fazer o exame para ingressar na Escola Militar, onde estudaria de graça, a junta médica, presidida pelo Dr. Henrique Roxo, uma sumidade, disse ao seu pai, na sua presença, que se quisesse que o filho vivesse, no máximo, até os 23 anos,

não o deixasse seguir a carreira das Armas. Ele viu, então, o pai enxugar uma lágrima de cada lado, passando ele desde aquele instante a ver a morte, como a mais natural das coisas, trazendo-lhe, é certo, um grande desencanto. Acostumado desde que nasceu a acordar com o toque da corneta aos ouvidos, como também ouvir, cantar diariamente o hino da **Infantaria** – pé de poeira, como chamava a **arma** do pai – foi difícil sacrificar o seu ideal militar. Não concebia a idéia de seguir outra carreira que não fosse a carreira do pai. Por tudo isso, tinha pela morte, apesar de procurar disfarçar, e que só eu conseguia decifrar, um sorriso irônico, o máximo que se pudesse imaginar.

Para conciliar o horário da Casa da Moeda com o da Faculdade de Direito, tinha que sair da Vila Militar em Deodoro, onde o pai comandava um regimento e era professor, às 8 horas da manhã, para só chegar de volta às 10 horas da noite.

O **diagnóstico – fantasma,** dado pelos médicos foi "insuficiência mitral congênita", numa época em que a medicina não tinha ainda atingido o nível de hoje. Apesar de sabê-lo ter uma doença incurável, nunca pensei que se fosse primeiro que eu...

Muito pequeno ainda, lembrava ele ter de vez em quando forte falta de ar. Era tão pequeno que seu tio materno Theodorico Guilherme, Diretor do "Natal Club", colocava-o em cima de uma mesa e ele fazendo "continência" com a mão direita, colocando a esquerda sobre o peito, dizia: "meu coração é mal-assombrado, e eu vou ser Presidente da República"!... Com o tempo essa falta de ar passou inteiramente.

Fazendo minhas as palavras de Coelho Neto, em seu livro "Mano", dedicado a um filho morto por acidente, digo alto e em bom som: "Antes chorasses tu"!...

Com três anos de casada, quando fui com ele ao Rio em tratamento de saúde, o médico chamou-me e sem que ele percebesse, disse-me que a sua vida era como uma vela acesa ao ar livre.

Como um pesadelo maior, senti o mundo desabar por cima de mim. A mesma sensação, tive no dia em que ele se foi para nunca mais voltar... A esse tempo ele já tinha vivido treze anos além dos profetizados pelos médicos.

Minha ternura, devoção mesmo, pela sua memória não tem limites e nada a altera. É pai dos meus filhos, veio

em primeiro lugar e por isso mesmo tem cadeira cativa no meu coração. Os meus três filhos estão inteirados disso e não têm apesar de tudo mágoa de mim.

Queria-lhe muito realmente e prova disso é ter sabido antes de casar de sua lesão cardíaca e nada, no entanto, me impediu de unir a minha vida à sua.

Tínhamos muita coisa em comum, o mesmo gosto em música, literatura. Só em pintura discordávamos. Ele não suportava o "abstracionismo", "o surrealismo". Embora não entenda, eu gosto das cores, que são uma espécie de festa para os meus olhos. A pintura "figurativa" é aquela que realmente nos traz uma mensagem concreta e ele não deixava de ter razão. Era muito dispersivo, como se quisesse viver a vida o mais depressa possível.

Por incrível que pareça, sou também extremamente dispersiva.

Lia sempre para mim as palavras de Lincoln, consideradas as mais belas já escritas por uma criatura humana, depois do "sermão da montanha". O mesmo fazia com um trecho de Gilberto Amado, sobre "solidão", já me preparando para a mais dura, a mais difícil de ser aceita, imposta por

Deus, e que humildemente carrego às minhas costas, em forma de cruz, certa de que Ele só a dá de acordo com a largura das costas de cada um.

Antes de morar em Niterói, seu pai havia comandado o "Forte de Gragoatá", na Baía da Guanabara. Contava, assim, estórias fabulosas de pescarias feitas com o irmão nesse tempo, já cadete de cavalaria, o pai e a "ordenança" deste, que era sempre a pessoa escalada para jogar a bomba no mar. Certa vez, numa desas pescarias, aconteceu que o soldado, em lugar de jogar a bomba com a mão direita, jogou qualquer coisa que tinha na mão esquerda. O que vale é que todos viram com calma o terrível erro. Os dois irmãos remaram o mais depressa possível e mesmo assim, logo adiante, o barco partiu-se ao meio, sem que nada de fatal acontecesse, pois todos nadavam bem. Tinha sempre detalhes a acrescentar, cada vez que contava a mesma estória e quando os filhos lhe faziam ver a diferença, a resposta vinha pronta: "meus filhos, um homem inteligente não conta uma estória duas, três vezes da mesma maneira. Tem que colocar um **babado**... Dharcília que não me deixe mentir", era a frase que dizia sempre para justificar possíveis dúvidas.

FARN.

Entrou para o Colégio Santa Rosa em 1917 justamente no ano em que houve o naufrágio da "Barca Sétima", contratada pelo Padre Dalla Via, para um passeio pela Baía da Guanabara, não tendo ido ele, o meu marido, também, por um motivo aparecido à última hora, que ele atribuía, como no caso da pescaria, a uma graça de Nossa Senhora Auxiliadora, sua devoção maior, o que justifica termos uma filha com o nome dessa invocação da mãe de Deus. Desde 1917, trazia no bolso do paletó uma gravura de Nossa Senhora Auxiliadora, como também uma do Cristo, com o "Confiteor" escrito com as suas próprias mãos, como quem à sua maneira, esperava a morte a cada momento.

Voltando ao assunto da "Barca Sétima", contava-me ainda, apavorado, o quadro dantesco dos pais dos alunos do "Santa Rosa" apontarem os revólveres contra o peito do Padre Dalla Via, intimando-o a lhes entregar os filhos com vida. Na década de 1940, este padre, já velhinho, veio dirigir o Colégio Salesiano São José, na Ribeira. Todas as vezes que ia ao Recife de trem, pernoitava na nossa casa em Nova Cruz. Tinha, à noite, pesadelos terríveis, ainda em função do naufrágio da Barca Sétima e suas lamentáveis conseqüências, assunto que, absolutamente, não se falava na sua presença. Meu marido tinha por esse seu antigo mestre particular carinho, como por todos os salesianos. Tinha

o hábito de quando ia para a Faculdade de Direito — ainda na Ribeira — quando não entrava na Capela do Colégio São José, na ida, entrava na volta. Uma coisa espontânea, sem sensacionalismo.

Terminado o ginásio, tendo feito o vestibular, entrou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde se formou na turma de 1926, com homens de grande saber jurídico, como: Prudente de Morais Neto, Vitor Nunes Leal, Ministro Luiz Galloti e outros de igual valor cultural.

A madrinha da "Turma" foi a poetisa Rosalina Coelho Lisboa, criatura inteligentíssima, como também de raros dotes de beleza e formosura; o Paraninfo foi o Conde de Afonso Celso. Os alunos a chamavam, liricamente, de "minha fada madrinha", tal o fascínio exercido sobre todos eles.

Para as despesas do quadro de formatura — única contribuição do pai durante os anos de Faculdade — foram 300$000 (trezentos mil réis) que ele ao receber, agradeceu imediatamente com o conhecido provérbio, ou seja, "quem dá aos pobres, empresta a Deus".

O baile de formatura foi no Fluminense e houve nele um detalhe pitoresco. Ao dançar com uma moça, lá para

as tantas, ela lhe perguntou o motivo de uma cicatriz que ele tinha na face direita em forma de cabo de chapéu de sol e ele achando bisbilhotice de sua parte, respondeu-lhe que "tinha sido na Guerra do Paraguai"... Conhecendo ela a ironia, pediu para sentar. Esta cicatriz tinha sido ocasionada por uma travessura sua em São João Del Rei, onde o pai serviu, tendo nascido lá um seu irmão, o qual morreu logo depois. Tinha apenas três anos de idade o meu marido quando foi acidentado por queimadura.

A "verve", o senso de humor que nele esbanjava, herdou do seu avô materno, Joaquim Guilherme de Souza Caldas, homem inteligentíssimo. Quando Diretor do Tesouro, ditava de uma só vez o maior número de ofícios. relatórios, enfim, "peças" que diziam respeito ao cargo que exercia, sem que isso lhe causasse o menor embaraço, passeando de um lado para o outro da repartição. Era filho do português, José Antônio, vindo de Caldas da Rainha em Portugal. Com a morte de Alvina Câmara, a **historiadora** da família, pois era Souza Caldas pelo lado materno, muita coisa levou com ela. Os meus sogros eram primos irmãos, sendo também o meu sogro, general João Augusto Souza Caldas, pelo lado materno. Pelo lado paterno, era Cesar da Silva, filho de português.

Em 1925, veio definitivamente para Natal, tendo Carlos ficado no Rio, morando sempre em pensões, na sua maioria de nordestinos, já que pelos costumes, era nordestino também.

Às vezes, eu o encontrava, enquanto fazia qualquer coisa, cantando um "coco de roda", que aprendeu com o seu amigo Abelardo Mello, aqui de Macau e que muito ao seu gosto, tem ritmo admirável: "meu baraio/dois ouro/eu não quero mais jogá".

Deixou a Casa da Moeda em 1928 para ingressar na Justiça Militar, tendo deixado lá o seu lugar para o seu primo irmão Galdino Augusto Lima Cesar da Silva, que chegou a ser Diretor do Laboratório da referida repartição federal.

A vida do meu marido foi toda cheia de sacrifício, de renúncia, pois enquanto os outros meninos brincavam, ele carregava a cesta das compras, quando ia com a mãe fazê-las na quitanda do Rio. Aqui em Natal, acontecia a mesma coisa com relação às compras do mercado. Quando, à noite, a mãe o chamava para rezar ele respondia que já tinha rezado no "Beco de Manoel Veiga".

Às vezes, eu o comparava ao Cavalheiro Andante, personagem do imortal gênio de Cervantes, no bom sentido, é claro. Só que enquanto aquele desafiava moinhos de vento, à guisa de exércitos inexistentes, coisas mirabolantes, ele, Carlos, semeava bondade, semeava alegria...

Combateu sempre o bom combate.

Eutiquiano Reis, seu grande amigo, doente já algum tempo, foi aconselhado pelo médico a se internar na "Casa de Saúde São Lucas". Antes disso, no entanto, Carlos, na véspera, pediu-me para avisar à Irmã Lúcia Furtado, superiora do Hospital, para que, imediatamente, após a sua chegada, fosse visitá-lo e, aos poucos, preparando os **caminhos da eternidade,** a fim de que o seu amigo, homem de rara inteligência, cultura e sensibilidade privilegiadas, não morresse sem o conforto da religião, na qual, o seu amigo havia sido batizado.

E tudo, pela graça de Deus, aconteceu, vindo o mesmo a receber a Santa Eucaristia, preparada pela Irmã Lúcia, que teve no episódio o papel de São João Batista, **Precursor do Cristo,** como também qualquer coisa de Léon Bloy, na conversão da Raissa Maritain. Eutiquiano ficou comungando todos os dias até morrer e contritamente. E o

seu amigo, como o santo que converteu Jacques e Raissa, "sem estertor e sem agonia, transpôs a Porta dos Humildes". (As Grandes Amizades).

O meu marido, sabia, portanto, hierarquizar valores humano-espirituais, valorizando também os gênios da literatura e da arte. Quando me casei, ele que se considerava **memória de grude,** sabia decorado uma quantidade tão grande de poemas de Hermes Fontes, de Julio Dantas, Guilherme de Almeida e das "baladas" de Olegário Mariano, que me deixava perplexa e, além do mais, muito feliz, porque os declamava para mim, como se eu tivesse sido a musa inspiradora de todos eles...

Em seus últimos tempos, pois tinha pavor que eu morresse antes dele, recitava quase sempre o final do poema de Augusto Frederico Schmidt: "se eu morrer primeiro". O final muito o tocava: "se morreres, porém antes de mim/e gelada eu te olhar/cheia de flores no caixão/tanta dor conterá meu coração/que se Deus não quiser também levar-me/serei apenas uma sombra errante/da tua sombra e nada mais".

Chamava-me no tempo de namoro e noivado, invariavelmente de "princesa", o que eu não tomava como um simples

galanteio, mas como afirmativa da formação que me foi dada pela minha mãe, que ele venerava, criatura simples, mas muito bem nascida e portanto de modos fidalgos, como eram também as minhas avós, e tias maternas e paternas. Confesso, o que não é para ignorar, que me sentia orgulhosa, lisonjeada, mesmo da preferência com a qual ele sempre me distinguiu, eu apenas filha de senhor de engenho, provinciana.

Devo tudo o que sou relativamente ao sobrenatural, às incomparáveis educadoras Irmãs Dorotéias, que incutiram, no meu coração de criança, a "fé que remove montanhas" e que sempre me guiou pelos caminhos da vida, esse vale de lágrimas...

Voltando atrás, andava Carlos, quando solteiro, elegantemente vestido e para completar-lhe o "charme", usava uma bengala, que ainda hoje retenho na minha memória, o modo todo especial com a qual a movimentava...

Tinha ele música dentro de si mesmo e solfejava toda e qualquer música clássica — música de casaca, como chamava — por difícil que fosse, sem faltar uma só nota. A sua voz meio fanhosa, afinadíssima, tinha um encanto particular para mim. Tocava de ouvido, "Ao Luar" de Beethoven e

"Clair de lune" de Debussy, com uma virtuosidade admirável. A lua, com a sua suavidade, tornava-o cada vez mais sensível. Era fanático por Bach, que se inspirava na Bíblia para compor suas músicas, todas elas impregnadas de grande misticismo, como também por Chopin, Mozart, Shubert, Massenet e os nossos Carlos Gomes e Villa Lobos.

Sentava-se às vezes, ao piano, com as duas filhas, uma de cada lado, e juntos cantavam modinhas como: "ser noivo", "tão fria a noite", "praieira", "a pequenina cruz do teu rosário", "constelações", "as cartas", nas quais colocava arranjos dignos de um maestro. Incluía quase sempre nessas "serestas" uma modinha que tinha música e letra do seu avô, o comendador Joaquim Guilherme, cujos versos diziam assim: "és tu mulher divina/mais que todas/formosa inspiração da divindade/és tu que no meu peito revivesses/as murchas ilusões da mocidade".

Atribuía a musicalidade do meu marido ao fato de ter nascido numa região do Rio de Janeiro, onde as cigarras são as mais canoras e estridentes da terra. Gostava de toda e qualquer música, contanto que lhe soasse bem aos ouvidos.

As canções francesas, italianas e americanas o empolgavam. Tratando-se, então, de música popular brasileira, ele nascido

na terra do samba, tinha ritmo perfeito e as notas saíam de suas mãos, como se fossem tocadas por dedos mágicos. Daí a afinidade que tinha com Ari Barroso, que como ele, não conhecia uma só nota musical.

Tinha Carlos, valsas escritas por Eduardo Souto e, entre elas, uma intitulada "olhos que mentem" e que demonstrava bem a essência da sua musicalidade fora do comum. (Foi composta em 1923).

Todas as pessoas da sua família sabiam música, inclusive, o pai tocava muito bem violão e bandolim. As duas irmãs mais velhas estudaram no Conservatório de Música no Rio. O seu irmão militar tocava piano e cantava admiravelmente. Só ele e mais dois irmãos não estudaram música. Maria Augusta tinha o curso do Maestro Waldemar de Almeida.

À maneira de minha mãe, acostumei-me a ninar meus filhos, depois de alimentados com meu próprio leite, até o tempo que os médicos aconselhavam fazer, com cantigas do povo, lá mesmo, do Engenho Bom-Jardim — que segundo Ascenso Ferreira — até o nome faz sonhar — pertencente à **família Araújo Lima** há quase 150 anos. Ali tive a felicidade, a alegria de nascer, tendo sido o engenho doado à minha avó paterna Maria Camilla, depois

Araújo Lima, como presente de casamento pelo meu bisavô Manoel Pegado Cortez, senhor de mais seis engenhos, inclusive, Mangabeira, em Arês, onde morava.

As canções diziam assim: "dorme menino / que eu tenho o que fazê / vou lavar, vou engomar / camisinha pra você". "Menino bonito não dorme na cama / só dorme nos braços / da senhora Sant'Ana", bem como muitas outras do mesmo valor telúrico. Deitado na cama, Carlos, por trás de mim, rara era a vez que não adormecia primeiro do que o filho que eu ninava. Às vezes, dava-me ao luxo de cantar "Ange Gardien", **berceuse,** que me foi ensinado pelo meu irmão Antonio Bento.

Apesar de autodidata em música, pois tocava de ouvido, dom que transmitiu à minha filha mais velha, entendia de música profundamente. Teria sido um grande maestro, um grande crítico. Quando íamos a concertos, o menor deslize do pianista feria-lhe o ouvido e, imediatamente, o apontava.

Em 1930, realizou o seu sonho, ou seja, o de vir definitivamente para Natal. Fora nomeado promotor público da capital, tendo exercido, nesse cargo, outros de grande responsabilidade. Em 1935, foi designado pelo então

Interventor Mário Câmara para fazer o inquérito de um bárbaro assassinato, ocorrido em Acari, que a esse tempo pertencia à Comarca de Jardim do Seridó. E de outros crimes hediondos ocorridos igualmente na mesma Comarca. Feito o inquérito, o maior indiciado foi condenado por ele à pena máxima. Todas as semanas, obrigatoriamente, fazia uma carta ao meu marido ameaçando-o de morte, em todo e qualquer tempo que saísse da prisão.

Na revolução de 1935, estávamos no engenho Bom-Jardim, onde a pessoa condenada por ele, aproveitando a balbúrdia do acontecimento, e em fuga para o seu Estado, Alagoas, achou por bem fazer o seu **quartel general** em Goianinha, onde tinha sido delegado, e sabendo que o meu irmão Agenor Bezerra de Araújo Lima tinha alguns rifles e um revólver de cabo de madrepérola, mandou-os buscar por soldados, em caminhão, todos com lenços vermelhos ao pescoço. Sem condições de reação, inclusive de **fuga,** o meu marido esperou a morte, apelando para o seu **humor,** uma de suas características. Graças à Providência Divina, a qual entreguei-o, tragédia igual à do Acari não aconteceu. Carlos estava em convalescença de uma das mais fortes crises de sua vida, deitado em uma rede no amplo alpendre da casa dos meus pais. Ninguém sabia da nossa

estadia no engenho, daí não ter surgido coisa pior, uma tragédia.

O promotor de Jardim do Seridó, João Agripino Maia, jovem, inteligente, talentoso mesmo e de uma coragem pessoal a toda prova, era uma espécie de "protetor" do meu marido, como já disse, quase sempre doente, quando iam àquelas audiências, interrogatórios que passavam de um dia para o outro. Era um sossego para mim vê-lo sair para elas acompanhado pelo seu fraternal amigo que nunca deixou de vir visitar-nos todas as vezes que vinha a Natal, inclusive pouco antes de Carlos morrer e acompanhado de grande parte do seu secretariado, como governador do Estado da Paraíba.

Em 1936, no fim do ano, o meu marido creio que por um "insulto" da moléstia que tinha, andou tendo, em Jardim do Seridó, umas vertigens, uma delas em cartório na presença do seu promotor, que, por sinal, num grande gesto de amizade, veio conosco de carro até aqui, o que representou para mim uma grande segurança. Todos nós da família só o relembramos com estima e reconhecimento.

Deixamos, em Jardim, um número enorme de amigos, entre os quais D. Alice e o seu marido, tabelião Antonio

Antídio – também intelectual – que muito nos cativaram, com o carinho e amizade com os quais nos receberam, sendo, portanto, credores da nossa estima, da nossa afeição maior.

Sebastião Guilherme Caldas, primo-irmão de Carlos e ex-prático de farmácia, muito nos deu em "serviço", em dedicação nas doenças do meu marido. A ele como à sua mulher (já falecida), devemos muito de nossa gratidão.

Já o deixamos, quando saímos de Jardim do Seridó, trabalhando no Cartório do Tabelião Antonio Antídio de Azevedo.

De Jardim do Seridó, passamos para a Comarca de Nova Cruz, compreendendo Santo Antônio do Salto da Onça e Campestre, no tempo em que os juízes moravam nas comarcas. Lá passamos sete anos e onde novas e sólidas amizades foram feitas. Tínhamos a esse tempo uma única filha e Carlos sem querer se separar dela, colocando-a em um colégio interna aqui em Natal, **arregaçou as mangas,** como dizia, confabulou com a nossa amiga Joanita Arruda Câmara, o padre Pedro Moura e em conjunto, fazendo festas, pedindo garrotes aos criadores de gado da região, conseguimos fundar o "Colégio Nossa Senhora do Carmo",

dirigido pelas "Irmãs Franciscanas do Bom Conselho", que ainda está até hoje, educando gerações e gerações, que se sucedem, uma após outra. Albertina Maria foi filha única durante 10 anos.

Tomou posse da Comarca de Nova Cruz com o pé direito, mandando entregar de início a casa de uma velhinha — que só possuía a noite e o dia — herdada de seus pais e que havia sido tomada por pessoa de muitas posses.

Dava expansão à sua paixão pela música, tocando piano na casa de nossos vizinhos Nestor Marinho e D. Amélia, ligada a mim por laços de parentesco.

Corria o ano de 1938 e a música popular mais em evidência era "Deusa da minha rua", cujos versos de rara beleza diziam assim: "na rua uma poça d'água / espelho da minha mágoa / transporta o céu para o chão"; e que tocada e cantada por ele, expressava bem o pensamento do poeta que a compôs.

Possessivamente, chamava as comarcas onde foi juiz de "minha comarca — Jardim do Seridó" e "minha Nova Cruz".

Em 1944, viemos definitivamente para Natal, depois de quase dez anos no interior. Muito humilde, nunca, nem ao

menos chegou a falar que tendo nascido no Rio, de onde veio aos 27 anos, tivesse passado tantos anos no interior, a cuja vida se adaptou inteiramente, não dispensando o café que tomava todas as tardes na casa do Sr. Antonio Arruda Câmara e feito pelas mãos de fada de D. Taciana, e que dizia de sabor excepcional. Recebíamos todos os dias a visita dos seus amigos Alberto Delgado, do seu jovem médico Dr. Fernando de Góis e do Delegado Fausto de Almeida, amigos de todas as horas, sobretudo nas doenças e vigílias feitas comigo em transes dolorosos e que nunca esquecerei. Nunca o vi se lamentar de ter saído da capital como também de ter sido educado para ser militar, vir a realizar-se plenamente numa carreira liberal.

Poucos meses antes dele morrer, como uma despedida, visitou seu amigo fazendeiro Martinho Correia de Jardim do Seridó e que o visitava todos os dias de feira, assombrando-o com a filosofia de vida que deixava transparecer da sua conversa. Estava cego e era de uma resignação que só se vendo para acreditar.

Igual gesto, teve nesse mesmo tempo com o escrivão Emídio Rodrigues, de Nova Cruz, que o recebeu na euforia maior sentado numa cadeira de rodas. Todos dois casos o

edificaram muito, fazendo-o até chorar; tinha estima particular pelas pessoas que com ele conviveram.

Logo que chegou à capital, foi nomeado juiz de menores, tendo colocado as coisas nos devidos lugares. Meninos de cinco anos e até de menos idade iam ao cinema à noite. Durante os anos que passou na "vara de menores", para desapontamento de Albertina Maria, que só veio assistir "E o vento levou" e outros filmes famosos, cuja censura era 18 anos, já casada — aos 16 anos — e com marido ao lado...

Após isso, foi nomeado desembargador pelo então governador José Augusto Varela, tendo-se aposentado em janeiro ou fevereiro de 1961. Sabe Deus o que sentiu de tédio, de nostalgia mesmo da difícil, árdua e nobre missão de julgar. E, sobretudo, dos seus amigos e companheiros dos dois tribunais: de Justiça e Eleitoral.

Já há anos ensinava na Faculdade de Direito, mas não compreendia como alguém pudesse viver sem encher por inteiro o seu tempo, enfim, ficar sem nada fazer. Aos poucos, porém, foi se acostumando à profissão de professor, fazendo de cada aluno um amigo. No meio deles, costumava dizer que parecia ter 18 anos. Admirava o brilhantismo da

inteligência de alguns deles e dizia-me, em particular, do seu orgulho.

A Cátedra o empolgava, assumia para ele sentido de eternidade. Pediu por escrito, antes de morrer, que queria se enterrar com a **beca** da Faculdade de Direito. Nunca me lembro ter deixado de dar uma aula. E corrigiu provas até a véspera de morrer.

O maior "galardão" de sua vida recebeu meses antes de morrer, quando foi escolhido por seus alunos para paraninfar a Turma de 1968. Graças às precauções tomadas pelo seu médico, resistiu bem à grande emoção. Só admitiu que eu fosse a única pessoa da família a assistir à cerimônia, logo eu, que, segundo ele, era a pessoa mais mística e mais sensível que conhecia. Sabendo que o seu estado de saúde era precaríssimo, não sei como resisti.

De compleição franzina, era, no entanto, um gigante em fortaleza moral e em capacidade de sofrimento. Tão identificado vivia com a morte, desafiando-a a vida toda, que nem por meio de tragédia, ele a temia.

Em qualquer circunstância angustiante de nossa vivência em comum, agarrava-se às minhas mãos como se elas lhe

dessem força, segurança... E só me desprendi delas, quando já não mais podia tê-las entre as minhas...

Durante as 25 horas que passou morto em casa, não as deixei de tocar um instante, bem como de acariciar-lhe a cabeça, num último consolo.

As dores que sofria eram cruciantes, o que só a mim ele confidenciava. Nunca deu um gemido para não nos afligir. Há meses eu via desaparecer o brilho dos seus olhos, que outrora tanto me fascinaram... E cada dia que passava, o meu pavor aumentava.

Juntos passamos os melhores dias da nossa vida, como também as provações de doenças — o que já repeti várias vezes, sempre nele — e uma só vez em Albertina Maria, aos 10 anos, quando foi operada de apendicite com 40 graus de febre e ameaçada de gangrena, pelos médicos Dr. José Tavares e o nosso parente e amigo Luiz Antônio, tendo ela ficado à morte.

FARN

Para mim, apesar de tudo, os 37 anos que passamos casados, parecem ter tido a duração de 37 segundos.

As alegrias repartidas eram elevadas ao quadrado, enquanto que as dores, repartidas paradoxalmente, doíam menos.

Doze anos são passados que ele desapareceu e só com quatro anos de separação foi que resolvi escrever sobre sua rica e discutida personalidade. Ontem, como hoje, sem ter caído ainda na realidade e mais atordoada já pelo peso dos anos e desenganos — motivados estes pela saudade pungente que ele me deixou. Com os pés já suspensos da terra, vou seguindo à sua procura... Será que acertarei o caminho?

Olhando o retrato de Albertina Maria — a filha ausente — e chorando amargamente, ele se curvou ante o absurdo e a precariedade da morte, isto é, para os que não crêem. Enquanto que, para os que acreditam no sobrenatural, ele foi para o Absoluto que é Deus e onde Ele um dia enxugará todas as lágrimas dos nossos olhos (S. João em seu Apocalipse 7 - 17).

A solidão, a amargura, o vazio, a angústia que a sua ausência me causara, eu não maldigo. Antes, ofereço como sacrifício pelo aperfeiçoamento de minha vida interior tão falha, principalmente para que cessem as guerras, haja mais amor, mais compreensão, mais tolerância — a caridade da inteligência — entre os homens. Enfim, por um mundo menos hostil e mais humano.

Seria omissão de minha parte se deixasse de transcrever trechos de cartas que recebi do nosso ilustre amigo,

ex-Ministro da Justiça, Miguel Seabra Fagundes, quando do desaparecimento do meu marido.

Rio, 15.07.69

"Comadre Dharcília: como dissemos em Westein, todos nós recebemos com indizível pesar a notícia do falecimento do prezado Carlos. Ele era sempre motivo de nossas conversas em família. Tanto pela estima que lhe votávamos, como porque os seus comentários bem-humorados e irreverentes, retratando pessoas e episódios, vinham sempre à tona e Sérgio, então, chamava-me sempre a atenção para um seu professor na Faculdade de Direito, que não apenas pelo físico, mas também pela "verve" satírica e vivacidade de inteligência, lembrava Carlos.

Eu de mim, sei que perdi com ele um dos meus mais caros amigos. Amigo de 30 anos de amizade sem hiato, sempre a mesma a renovar-se na sua presença, a primeira sempre em todas as minhas idas a Natal. Às 7 e pouco da primeira manhã já batia no "Miguel Couto" para sairmos juntos. Quem o conheceu apenas nas manifestações exteriores do seu temperamento irrequieto, não pode avaliar o que de segurança, colocava nas coisas sérias. Nunca lhe ouvi uma palavra de rancor contra ninguém, mesmo que

hostilizado por alguns. Nunca lhe ouvi defender uma atitude incorreta.

Irei sentir, na hipótese de alguma volta a Natal, o vazio de sua ausência, a omissão de sua bondosa e espontânea hospitalidade, que principiava no aeroporto e ia até lá na despedida".

Miguel Seabra Fagundes

15.12.72

"D. Dharcília: Acabo de receber a sua carta em que me dá notícia da homenagem em memória de Carlos Augusto, bem assim o recorte do jornal com o discurso de Garibaldi Filho; alegra-me que um tão estimado amigo, que não esquecemos, tal a força de sua personalidade e significação do seu convívio, perdure na memória dos jovens estudantes de nossa faculdade.

É impressionante e confortador que tenham guardado a lembrança do mestre ilustre e comunicativo, ao correr do tempo, evocando — hoje desinteressadamente e tão só pelo que ele significou para os seus discípulos".

Miguel Seabra Fagundes

Diário de Natal, de 11.07.69

"Era um moço de 66 anos, capaz de correr no seu "wolks", cor de gelo, escape envenenado pelo filho.

Foi um exemplo de simpatia alegremente suave. O homem que andava apressado, sorriso nos lábios e olhos faiscantes de juventude, morreu suavemente — como uma pétala morre..."

O Professor Carlos Augusto morreu do coração, na época dos transplantes.

* * *

Composto, fotolitado e impresso
nas Oficinas Gráficas da
Editora Universitária
Natal-RN — 1981

F000234

Editora
Universitária
Universidade Federal
do Rio Grande do Norte